

Respeito

Apartou-se uma invernada
dos campos da Vacaria
como um regalo bendito
do meu Senhor Bom Jesus.
—Vai das Antas ao Pelotas
o teu potreiro das casas —,
sentenciou o Padroeiro.
E das franjas dos aparados
brotou, em meio ao inverno,
a Presilha do Rio Grande!

O rincão hospitaleiro
foi crescendo lentamente,
já minguavam as tropeadas,
mas tombavam pinheiros grossos
e o ronco dos fenemês
dava o tom da melodia
pro cantar da serra fita.
Nas fazendas, ao tranquilo,
o ciclo das primaveras,
mas “na praça”... novos tempos!

A Igreja já estava pronta
pelas mãos do seu Alfredo
e a vida pulsava alegre
no contraponto portenho
do bandoneon do seu Bite.
A terra que se aprumava
atraía muita gente!
Homens da lei, madeireiros...
e dentre tantos que chegaram,
dois cidadãos de respeito:

Um certo Silvino Vargas
exercia com vigor
o ofício de advogado.
Tinha a arma da palavra!
Vestia terno e gravata,
mas a essência gauchesca
dos cerros de Caçapava
se revelava na estampa
de uma solingen prateada
sempre no “mol” da barriga.

O outro, Odenath Meirelles,
crioulo de Encruzilhada,
o Tabelião da comarca.
Tinha a arma da caneta!
Num ritual matutino
bebia diariamente
pra depois sestar sereno
numa saleta pequena
nos fundos do seu ofício,
parede e meia com o Fórum.

Ambos temperamentais,
desconfiados, pavio curto
se lhe pisassem o pala.
Silvino até, de uma feita,
já andara encarcerado
e deixara de ser Juiz
por vitimar um paisano,
dirigente colorado,
que ousou mirar sua prenda
numa viagem de trem.

Cidadãos de meia idade,
forasteiros, solitários,
foram se fazendo amigos,
confrades para algum pife,
churrascos, festas de igreja
e alguma noitada bruta
na zona do Cabo Chico.
Armados, como convinha,
pra não levar desaforo.
Eram homens de respeito...

Getúlio já tinha ido
e um tal de Leonel Brizola
despontava no Rio Grande.
Era outono, de algum frio,
E a cidade amanhecia
silenciosa, modorrenta,
nas brumas dos seus fogões.
O piar de uma coruja
desperta a Noiva do Sol!
Mau agouro... maus presságios...

Meia tarde, frente ao Fórum,
os cães latindo na rua...
Silvino usava a palavra
numa audiência acalorada.
Odenath sesteava ao lado,
e acordou de sobressalto:
—Cala esta boca cachorro!
Dois torenas em combate...
O orgulho e o respeito
foram golpeados pra sempre!

Palavra é arma afiada
que fere qual baioneta,
seja por seu próprio intento,
ou por mal interpretada.
Respeito, ah o respeito...
respeito é moirão fincado
num banhado de aparências,
que encobre magoas e ausências.
Vulnerável segurança
travestida de firmeza.

Na mesma tarde sem fim
Odenath jogava um pife
no boteco do Amândio.
A arma junto da mão
e um silêncio absoluto
pressentindo um temporal.
Com seis cartas já trincadas
e mais um “coringa em duas”
a batida era iminente!
Tal qual o duelo entre os dois...

Silvino entrou se esgueirando,
e meio que de relancina
meteu o cano do revólver
contra o rosto de Odenath,
exclamando enfurecido:
—Diga então quem é o cachorro!
O notário deu uma negada,
tastaveou por entre as mesas
e levantou atirando!
Foram disparos fatais.

Ambos feridos de morte,
cambaleantes, porta a fora,
tombaram junto à calçada.
Silvino ainda desperto,
ajoelhou-se sobre outro
e bradou de última vez:
—Agora verás como um Vargas
acaba com um Meirelles!
Puxou da faca prateada
e degolou Odenath.

Dois guris da redondeza,
dos Borges e dos Baroni,
testemunharam a cena:
Dois tauras desfalecidos,
estendidos, lado a lado,
em seu jazigo de rua.
Sangue escorrendo nas pedras,
vermelhejando a sarjeta...
Dois amigos de respeito
Sem respeito, pela vida!